

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
Bacharelado em Direito
NÚCLEO DE PRÁTICA JURÍDICA
COORDENAÇÃO ADJUNTA DE TRABALHO DE CURSO
PROJETO DE TRABALHO DE CURSO I
ARTIGO CIENTÍFICO

O DIREITO À VIDA
(Do nascituro)

ORIENTANDO: CARLOS EDUARDO DE FREITAS MIZOGUTI
ORIENTADOR: PROF. DR. JOSE ANTONIO TIETZMANN E SILVA

GOIÂNIA

2023

CARLOS EDUARDO DE FREITAS MIZOGUTI

O DIREITO A VIDA

(Do nascituro)

Projeto de Artigo Científico apresentado à disciplina Trabalho de Curso I, da Escola de Direito e Relações Internacionais, Curso de Direito, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Prof. Jose Antonio T. Silva.

GOIÂNIA

2023

CARLOS EDUARDO DE FREITAS MIZOGUTI

DIREITO A VIDA

(Do nascituro)

Data da Defesa: ___ de _____ de ___

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Jose Antonio T. Silva.

Nota

Examinador Convidado:

Nota

Dedico à Justiça

Agradeço a Deus

SUMÁRIO

RESUMO.

INTRODUÇÃO.

1: o infante.

2: o inimigo.

3: o fantine.

CONCLUSÃO.

REFERÊNCIAS.

DIREITO A VIDA

(Do nascituro)

CARLOS EDUARDO DE FREITAS MIZOGUTI

RESUMO

A História é uma história de uma pessoa esquizofrênica, que perdeu sua esposa em um procedimento de aborto. Não se a data e o local preciso do ocorrido. Mas que submetido à Inquisição, assumiu a responsabilidade da morte da criança, *a ancila*, e foi condenado à pena perpétua em exílio no Brasil.

Parece que nessa época a pena de morte existia em casos de guerra, que a bem da verdade, o Estado não procedia com a punição de cada particular, salvo em casos de homicídio. O tráfico nessa época era tido como uma coisa normal entre as pessoas. E o personagem dessa História tinha uma idéia fixa em ser um traficante, e que tinha um burrico, trabalhador, ou que adquiriu um burrico, ou que deixou um amigo, em terras distantes além-mar, ou que perdeu um amigo, um pequeno lebreu, galgo corredor, sempre e bom fiel escudeiro.

Vivia, assim, em recordações, lembranças do passado, sem seu fiel escudeiro, boa companhia para todos os tempos – de agonia e de alegria. Na verdade, não se sabe se veio a adquirir esse burrico, seu velho companheiro. Mas que vivia em sua companhia, em sua nostalgia, em que acreditava que encontraria, em alguma parte desse Velho Mundo, seu amor abandonado.

Assim, em perplexidade ao assumir a responsabilidade do crime cometido, acreditava em rever *ancila*, sua mãe e seu fiel escudeiro. Ou que talvez, mesmo que a fortuna não o conduzisse assim, tinha isso como última vontade, em confiar sua família ao seu velho amigo.

INTRODUÇÃO

Observando o rumo que a violência no Brasil e no Mundo vem tomando, nem sempre de modo claro, mas por grande parte de modo oculto, creio que é o momento de rever os valores imprescindíveis ao convívio coletivo e retomá-los. Em virtude disso, escolhi o tema **O DIREITO A VIDA**, por ser forçoso iniciar-se pelo bem jurídico de maior importância.

Aduzirei acerca do nascituro, discutindo, em particular, a questão do aborto, melhor dizendo, a pretensa liberdade de escolha, que tenta justificar a sua legitimidade. Assim, aduzindo ao ponto crucial do Direito, o direito a vida, pretendo fazer um contra ponto, em forma de uma literatura jurídica, definindo o que seria a Dignidade, Liberdade, Igualdade, e qual o real fim, que ao se constituir como Estado de Direito, o Direito busca. Ilustrando o seu aspecto histórico e atual com seu respectivo valor. Tendo como fim evidenciar a real importância do direito à vida.

Iniciarei esclarecendo a importância da vida e seu fim, que toma sua forma no nascituro. Delineando qual seria o fim de nossas vidas e a importância que ela tem para nós, tentando esclarecer que, apesar de que haja rumores, mesmo que o homem viva em uma incessante busca de um sentido, para sua vida, isso é uma coisa muito simples, embora não percebemos assim de relance. Disso, talvez, surja as tendências mundiais que abarcam ventos maléficos, que sopram a um destino nefasto a essa forma de vida. Realidade que aparece na vontade e arbítrio das pessoas, que valorizam a “liberdade de escolha” a despeito do valor da vida, adotando como avio o aborto.

Assim, aduzirei em torno do homicídio, que oculta um intento inconfesso, que nos leva ao destino, em que encontramos a morte. Grande parte das vezes esse intento permanece oculto. E mesmo que se possa vislumbrar esse mal futuro, ainda assim, acaba por ficar impune, aparecendo, assim, por outras partes, grassando como um vício, que finalmente assume a forma do aborto. Para, afinal, dar ao nascituro o seu real valor.

O DIREITO A VIDA

(Do nascituro)

Um escrito apócrifo

PARTE 01: O INFANTE.

Chegou ao nosso ouvido, não sem a mais profunda amargura, que em uma certa região, não se sabe ao certo, em que parte do senhorio, em cuja jurisdição se estende essa comarca, a perversão herética, grassa sem receio algum, entre pessoas, que negligenciando os maléficos e os infortúnios da vida, incorrem em algum pecado. O fogo consome, por sombras, a safra do ano, a praga atinge não só o jardim, mas até as uvas da vinha, em casa, cães são envenenados, a miséria atinge as mesas, as pessoas, e esses males chegam a atentar contra a vida de uma criança ainda no ventre da mãe. E isso não se limita a isso, essas pessoas afligem outras pessoas, homens, mulheres, animais, até mesmo coisas, bosques e rios, rebanhos inteiros são sacrificados em nome de Deus, e não só a morte, mas um sofrimento que nos assola, a grande baixa de um exército, uma expansão que se estende às coisas alheias. E, assim, as pessoas chegam a padecer de uma doença, que lhes impede de viver de forma digna, não por alguma vicissitude, mas por optar em viver de forma contrária à natureza que Deus nos criou.

Esse mal vem de uma situação de abandono, que afeta o Mundo externo e permanece no ambiente. É o reflexo da água, a sombra do bosque, a brisa noturna, um mal que nos observa, que compartilha de nossa natureza, de nossos afetos, de nossas paixões. É esse mal latente, que impregna o ambiente, reflete em nosso caráter, e assalta nosso espírito. É essa certeza de impunidade, o mal que nos assola, o mal que se estende à coisa alheia, o mal que obscurece nossa vista, o mal que nos assalta, e leva nossas vidas. É esse mal, que se silencia em nossa consciência, em nossa casa, no nosso dia-a-dia, em nossa família, em nosso trabalho, e com quem convivemos, essa realidade aparente. É esse o mal que aparece, esse cheiro seco e agudo, o mal que nos aflinge, o mal que entra em nossa casa, nos assalta, e leva nossas vidas.

Diz por uma tradição verbal, que na Alemanha ocorreu um caso, já há muito, o tempo que se passou, na região da Baviera, em um vale de lágrimas, onde existia um vilarejo, perto de um bosque da Bohemia, de uma bruxa, cujo nome já não vaga a lembrança das pessoas. E que, mesmo nos dias de hoje, muito se evita em recordar, a impressão que o inimigo deixou – e nos levou uma filha tão cara – e que foi submetida ao juízo da Inquisição.

Nessa região, muitos eram os frades, que procuravam saber mais do que lhe competia, e que sem receio algum, afirmavam não existir coisa alguma que ocorra sem a permissão de Deus, ou que tal atrocidade é, tão-somente, uma impressão de uma pessoa perturbada, e que não ocorria tal coisa naquela região, que, portanto, não tinha a Inquisição um direito natural em intervir – em cujo domínio. E que via no mínimo como um insulto, a Inquisição proceder com a prisão e punição. Do que se dizia ofensa hedionda, barbárie do gentio, que

tinha sob seu pretexto o nome de Deus. E que, portanto, tal atrocidade permanecia sem punição. Mas que pelo seu zelo, a Inquisição editou uma carta, cuja ordem era que distrito algum estaria privado do Santo Ofício. E que, assim, se procedeu, e se designou o Bispo de Munich, assim dizendo: “Que ninguém, portanto, mas se alguém assim ousar agir, que Deus o proíba”.

Há quem professe, assim dizia, que a crença em Bruxaria teria um sabor de Heresia, ou que isso é contrário à doutrina Católica. Há quem diga, no entanto, que achar que uma pessoa possa se tornar melhor, ou em outra, ou em outro aspecto, seria pior que o gentio. E que pensar que tal coisa seria realizado por alguma bruxa, um típico herege. Que nenhuma operação de Bruxaria teria efeito permanente sobre nós, a não ser por um demônio. Porém, sustentar que o demônio tenha o poder em transfigurar uma pessoa, ou em lhe causar algum mal, não parece uma coisa segundo os ensinamentos da Igreja. E não de uma mente iluminada por Deus, mas de uma pessoa que sem sombra de dúvida, vaga por esse Mundo Profano, como um falso profeta. Ou, há quem diga, que qualquer transformação que se dá em uma pessoa, seja para a doença, ou não, é segundo um astro. E que a mecânica do Universo está apenas em poder de Deus. Mas que quando Deus criou o Mundo, por sombras, apareceu uma Luz. E Deus viu que isso era bom. Queriam, assim, demonstrar que o demônio não tem poder sobre nós, em outras palavras, que não pode lhe causar mal algum, e que essa transformação se deve a uma causa oculta, segundo os desígnios de Deus. Outros, sustentavam, que como o poder de Deus é superior a qualquer coisa, a operação do demônio não teria efeito sobre nós. Mas que, a bem da verdade, não existiria esse conflito entre Deus e o Diabo, mas que segundo a vontade de Deus, cada pessoa sofre um mal para se redimir de seu próprio pecado. Embora, eu em particular, pense que Deus é causa apenas do bem. E nada mais além do que parece para mim, seja esse mal relativamente bom.

ANEXO 01: O CORVO.

Em uma noite sombria – pela calada da noite – perdido em uma leitura, ouvi um som ou um tom, batendo na janela, por onde passava a bruma da invernia.

É só uma visita. E nada mais.

É só um vento. E nada mais.

Decerto só isso. E nada mais.

Abri as folhas da janela, e vislumbrei um claro luar, que refletia essa última *agonia*, que por entre sombras, ofuscava minha vista. De uma certa distância, ouço o ladrar dos cães e com o bruxelar do halo da candela, acordo ao lado do meu fiel escudeiro: “*bem me lembro me lembro bem*”.

PARTE 02: O INIMIGO.

SEÇÃO 01: o dilúculo.

Sem sombras de dúvida, todo conhecimento parte da experiência, pois que outra coisa, por esse Mundo de sombras, senão o objeto que se apresenta e afeta o sentido, fazendo assim a pessoa compará-lo, e da impressão que vem a ter, compor uma representação, ou o que se diz como experiência? Porém, se todo o conhecimento se inicia com a experiência, nem por isso todo conhecimento vem da experiência, como a origem do Mundo, ou a natureza da alma. Ou o que se diz a priori. Ou o que se verifica na experiência. Assim como, ao ver uma casa, venha a se saber que haveria de ruir – mesmo antes de se verificar pela experiência. Todavia, assim veio à experiência, para se saber, que toda mudança possui uma causa.

Ou, mesmo que a experiência nos ensine que algo possa ser constituído de um modo, ou de outro, mas que não possa não ser de outra forma, uma coisa *a priori* seria uma coisa necessária e absoluta. Assim, se seguimos a razão que toda mudança possui uma causa, o seu conceito encerraria um efeito que se segue de modo necessário e absoluto. Pois onde iria a própria experiência buscar a certeza e clareza se toda regra fosse algo possível, sem seguir um princípio, como um fenômeno, ou como uma neblina que vaga o bosque. Mas o que é mais significativo é o fato de um certo conhecimento sair do campo de toda experiência possível, sem que haja um objeto que a experiência possa apresentar, estendendo assim o nosso juízo para além do limite da experiência. É relativo a esse conhecimento, em que a experiência não pode nos dar um fio condutor, que se situa o nosso estudo e se eleva a esse Mundo Profano.

Há uma tradição, no entanto, que diz que em cada pessoa existia um demônio que lhe guardava. Ou que existia uma pessoa de mau gênio e uma pessoa de bom gênio. Mas a pessoa, em sua etimologia, é uma máscara de teatro. Assim, o gentio, antigamente, dizia que a vontade de uma pessoa é a faculdade de ser dessa pessoa, por intermédio de suas representações, a causa, que opera em cada objeto de sua representação. E a faculdade que uma pessoa tem em agir conforme suas próprias representações, chama-se vida.

A vontade sempre está relacionada com o prazer, o prazer com o objeto, e a vontade com o sentido, mas nem sempre ele é a causa, podendo ser também o efeito. Assim, é o prazer que conduz nossa vida. O sentido, é a capacidade de sentir prazer ou não, ante uma representação, que se faz de um objeto. Mas isso é uma coisa subjetiva, ou uma coisa relativa, ou que parece para cada um, como lhe parece. Mas uma coisa objetiva, é o fim ao qual se dirige nossa vontade, e pelo qual fazemos nossas escolhas. Assim, o sentido é o aspecto, que nossa representação vem a assumir.

A felicidade, ou o que constitui o fim que buscamos, o viver bem, ou, o prazer em viver, ou algum bem que buscamos em comum, seria o objeto, a que todas as nossas representações se referem. Por exemplo, ao ver um cachorro, uma pessoa que gosta de cachorro, pode sentir prazer em ver um cachorro, ou, caso contrário, o contrário. Mas isso é apenas a forma como essa pessoa se relaciona com esse objeto, uma coisa, assim, relativa, não o que corresponde

com a realidade do objeto, como se esse cachorro é marrom claro ou não, ou se você gosta ou não de um cachorro marrom claro, é uma coisa subjetiva, porém, se a pessoa tem vontade em ter um cachorro marrom claro ou não, é uma coisa objetiva.

E, assim, o que corresponde com a realidade de algum cachorro, seria, por exemplo, se o seu campo de vista é branco e preto, ou, se ele vê algo de verde, ou que sua vista, à noite, pode ser a mesma que a nossa, ou mais profunda, talvez, mesmo com uma luminosidade menor, ou se ele consegue prever a chuva, pela impressão do ambiente, em sua volta, ou se ele tem uma noção de Tempo, se compartilha de nossos sentimentos, de nossas paixões, ou não, seria uma coisa objetiva.

Porém, o gosto por uma coisa, é uma coisa apenas contemplativa, por exemplo, o prazer, seja ele a causa ou o efeito de uma vontade, está ligado a um objeto, do qual se faz uma representação. Assim, o gosto por uma coisa está ligado à representação que fazemos de algum objeto, embora não esteja em conexão com sua realidade objetiva, que seria o prazer ou a causa de uma vontade. E o prazer que se relaciona com essa vontade, ou como o efeito dessa vontade, se chama interesse, ou que a pessoa tem uma certa inclinação. Mas o que constitui nossa felicidade, seria, assim, uma coisa relativa, ou, uma coisa que buscamos em comum?

Assim, seguindo um objetivo, ou uma regra de conduta, se observa uma natureza que rege nossa vida, ou uma Lei. E essa Lei, pelo seu ponto de vista objetivo, se rege por uma necessidade. Já pelo ponto de vista subjetivo, é regida por um motivo (motor), que liga um objeto com sua representação, ou que essa Lei possui dois aspectos. E o motivo que sua representação assume, seria, assim, como seu dever, que se manifesta nesse Mundo exterior. Ou, você poderia, assim, dividir o seu ponto de vista, ou, a sua filosofia de vida, num ponto de vista teórico e num ponto de vista prático. Mas, por exemplo, o que estaria em meu poder fazer, e o que não estaria em meu poder fazer? Talvez, teria eu alguma paixão, mesmo que seja uma coisa que não está em meu poder, sentir ódio, por exemplo, ou me sentir frustrado, talvez, com esse Mundo de aparências. Talvez tenha eu alguma impressão que me angustia, ou que mesmo sabendo de algum mal futuro, que me acorre, não estaria, talvez, em meu poder fazer o que se deveria fazer. E me vejo refletindo, às vezes, por que isso me ocorre, o que estaria em meu poder fazer, ou não fazer. O que seria essa impressão, que acorre e me assola. Esse seria o objetivo último da *filosofia*, saber, se seria possível ou não, saber alguma coisa que nos acorre, a priori, antes que isso ocorra, nos assalte, e leve nossa vida.

Mas quando se ultrapassa a esfera da experiência há a certeza de não incorrer, pela experiência, em engano. Assim o anseio ao sair do campo da experiência avança como um *corvo*, numa noite sombria, ou em um espaço vazio, onde essa ficção aparece numa representação não menos que uma ficção de uma idéia, de cujo ponto de apoio não se vê limite pelo campo da experiência.

Seguindo, assim, pelo ponto de vista objetivo – sem ter em conta seu móbil – da conformidade com a Lei, se diz legalidade, mas quando de uma

representação assumir um dever como motivo seu, se diz em moralidade. Pode se dizer, que a ética e o Direito não são uma mesma coisa, ou que não se confundem, embora o Direito seja o mínimo ético que resguardamos para nossa vida. Como, por exemplo, mentir. Mentir, a bem da verdade, em si não constitui crime, mas no momento em que eu ultrapasso minha esfera privada e afeto a esfera privada de outra pessoa, eu incorro em crime. Um exemplo, seria um caso de furto. O simples fato de mentir, não configura crime algum, mas no momento em que eu subtraio de outra pessoa alguma coisa, mesmo que para isso não seja preciso mentir, eu incorro em crime. Ou o simples fato de mentir que furto, por exemplo, seria uma coisa, assim, tipificada como crime. Assim, a ética e o Direito, embora componham uma mesma coisa, possuem um limite diferente. Nesse sentido, o Direito, é o aspecto objetivo dessa representação.

Assim, por exemplo, eu posso cumprir ou não alguma promessa que fiz. Pelo ponto de vista objetivo, eu posso sofrer uma punição, mas pelo ponto de vista subjetivo, sem que haja nada que me obrigue a fazer isso, seria uma coisa que depende só de mim, cumprir ou não, o que prometi. Esse seria o limite entre o Direito e a ética. Assim, pelo meu ponto de vista, objetivo, ou pelo meu ponto de vista jurídico, poderia eu ser coagido a pagar o que devo, caso não cumpra o que prometi, em devolver o que furtei, por exemplo, nesse limite do Direito. Mas pelo ponto de vista subjetivo, ou pelo ponto de vista ético, se não há nada que me obrigue a fazer isso, seria uma questão de ética, cumprir ou não, com minha promessa. E, assim, a ética, desde que não ultrapasse minha esfera privada e afete a esfera privada de outra pessoa, ou, desde que não se torne uma coisa objetiva, sendo apenas uma coisa subjetiva, não diz respeito a mais ninguém, se não a mim mesmo, cumprir ou não o que tenha eu prometido, ou algum dever que eu possa ter com outra pessoa.

Por exemplo, eu posso fumar, ou beber uma cerveja, e mesmo que isso possa fazer mal a minha saúde, mas uma vez que com isso não faço mal a ninguém, isso é um problema tão-somente meu. Mas, por exemplo, posso eu fazer bom uso disso, ou não. Posso reservar alguma coisa, assim, para meu final de semana, ou depois do trabalho, chegando em casa, posso apreciar um cigarro. Ou, no começo do mês, comprar uma cerveja artesanal, assar um peixe à grelha, ou, chamar alguém para me acompanhar. Desde que eu tenha condição, nada impede que eu faça isso todos os dias, o único empecilho que tenho é o dinheiro. No entanto, se fumo um cigarro, ou cheiro alguma droga, com isso coloco a minha liberdade em risco. A forma como as pessoas me observam, ou se relacionam comigo, pode mudar. Talvez, possa eu, assim, sofrer alguma injustiça, e não tenha a quem recorrer. E posso, assim, ser discriminado por fumar um cigarro, ou por achar, assim, o tráfico uma coisa elegante. Mas, a bem da verdade, como eu me imagino, ou como eu me relaciono com as pessoas, é um problema meu, uma vez que, com isso, eu não ofendo ninguém. No entanto, às vezes, eu me vejo pensando, a que ponto chegaria essa Liberdade, que nos é tão cara. A ponto de querer controlar até mesmo como uma outra pessoa se imagina? Mas não por isso, que eu seja condenado, por furto e ameaça, cumpra os quatro anos e um mês, e tenha comigo o dever cumprido. Que satisfação eu devo para sociedade ao ser, assim, discriminado por beber uma cerveja ou fumar um cigarro? Talvez eu não acredite em Jesus, e ache esse amor um tanto aparente. Ou que não há por que amar o próximo mais que a mim mesmo. Talvez, ao ser agredido, não

tenha eu a mesma coragem de Jesus em lhe dar a outra face, ou a piedade em perdoar alguém que mal me respeita, por, assim, achar justo retribuir o mal com o mal. Ou que nunca se deve fazer mal a algum amigo. Mas mesmo que ele esteja em um surto psicótico, talvez ele tenha as suas razões, e nem por isso, para mim, ele perde a razão, nem deixa de ser meu amigo, por revidar o indivíduo que me ofende com um tapa na cara. Ou eu, assim, por matar alguém. Talvez eu tenha as minhas razões. Mas nem por isso, eu deixo de gostar de uma boa cerveja, de fumar um cigarro, ou em ter uma boa companhia. Porém, o que seria isso, essa Liberdade, que tanto buscamos?

Isso seria, no entanto, um ponto de vista objetivo. Já pelo meu ponto de vista, vivendo em sociedade, teria eu, assim, algum objetivo. E visto que buscamos um bem em comum, esse bem que busco, em minha vida, é o que constitui minha felicidade. Mas o que seria isso, seria o prazer em viver ou o viver bem? Para isso teria eu que suprir as minhas necessidades, ou sendo isso minha obrigação, o que estaria proibido, para mim mesmo, é o que é contrário a isso. E fora isso, desde que eu tenha condição, sou livre para fazer o que bem entender, desde que, claro, não afete a esfera particular de outra pessoa. Assim, a ética é como um costume que tenho comigo. Embora o Direito não intervenha na esfera particular de outra pessoa, desde que isso não afete a esfera particular de outra pessoa, tenho isso como um preceito moral. A Liberdade, assim, seria o que está em meu poder fazer, ou não, dentro de um sistema, ou em uma Sociedade Moderna, segundo esse meu preceito moral. Ou que, a ética, seria essa figura, que você mesmo constituiu da sua própria pessoa, e que se relaciona com o Mundo exterior. Ou que a ética é um produto do hábito, engendrado pela natureza. Assim como uma pedra, lançada para o alto, se move para baixo, o calor da atmosfera se move para cima. Assim também, a ética não pode ser engendrada, por nós, contra a natureza. Ou que a natureza nos concede apenas a capacidade de aprimorar algum costume pelo hábito. Assim, como a vista, a virtude de uma coisa, consiste em repetir de modo reiterado a refletir o seu verdadeiro aspecto. Ou como a prática de uma arte, ou ofício, faz um traficante, assim também, a prática de uma arte, faz um mau soldado, uma vez que, a virtude, tem um objetivo prático, mesmo que pareça de forma diferente, pelo ponto de vista subjetivo.

Uma obrigação, assim, seria segundo uma necessidade. E, na verdade, não há conflito entre um dever e outro, uma vez que existe apenas um. Mas uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo necessária, ou, que não há uma necessidade mais forte que outra necessidade, ou que a mais forte prevalece, mas sim a razão mais forte. Assim, o que tenho como obrigação é segundo uma necessidade – de suprir as minhas necessidades, por exemplo. E mesmo que isso seja mais forte que 2 reais, eu não posso simplesmente furtar uma pessoa porque tenho fome, visto que esses 2 reais são produto de furto. E um tanto óbvio que o Trabalho atende uma necessidade da sociedade, que, aliás, não pode viver do furto, uma vez que pode sofrer algum furto, por tomar isso como certo. E, assim, o que não possui uma punição externa, ou um limite objetivo, é regulada por uma Lei positiva. E isso o que o Direito resguarda, o mínimo ético.

A fonte do Direito é de onde emana o Direito, é o curso do leite, sua fonte formal, o costume, ou, o valor, sua fonte material. Não há outra fonte senão o

Estado, com seu poder em punir. Essa é a fonte do Direito, esse meu costume, o valor que resguardo, o poder em punir um delinquente, ou como se diz: “*ubi homo ibi jus*”. O que está em conformidade com o Direito e sob pena, é apenas o mínimo ético, o que vai além, motivo de honra. E a pessoa que nem a isso se atina, uma pessoa, assim, desagradável. Por exemplo, se acorro a um assalto, com um risco objetivo, e socorro algum estranho, tenho um certo mérito. Mas ao perceber um estranho, você se furta do local, deixando sua esposa e seus filhos, você é considerado não como um covarde, mas como uma pessoa indigna de sua família – mesmo que isso não configure a sua omissão em socorrer sua família. Assim, a Liberdade, não é apenas poder agir ou não em conformidade com a Lei, visto que agindo apenas pelo ponto de vista objetivo, você não age por si mesmo, mas coagido pela Lei. Que, o que me motiva a agir assim ou não, mesmo que para você pareça de forma diferente, que é digno de mérito, visto que você só conhece a Lei pelo aspecto negativo.

O Direito, ou o conceito moral do Direito, seria assim a forma como a pessoa se relaciona com outra pessoa e o modo como essa pessoa pensa as coisas. E essa Liberdade tem que coexistir como a Liberdade de uma sociedade como um todo. Assim, a conduta de uma pessoa, é conforme o Direito, se não restringe a Liberdade de outra pessoa. Ou se pensando a Liberdade de forma absoluta, o que é injusto, é o que causa um obstáculo para outra pessoa, em particular. Ou a pessoa que causa esse obstáculo, em particular, é imputada pela sua conduta, visto que ela ultrapassa a sua esfera particular e afeta a esfera privada de outra pessoa. Esse seria o ponto de vista objetivo do Direito. Mas o ponto subjetivo, o mínimo ético, seria a Dignidade, que o Direito resguarda, ou o respeito por si mesmo.

O respeito, segundo sua etimologia, diz que a pessoa ao conduzir sua vida, deve olhar para trás, ou refletir pelo caminho, e ver se é aquele ou não, o sentido ou o caminho certo a seguir. Talvez, poderia eu tropeçar em alguma pedra, ou, no bom latim, talvez, tenha eu algum pecado. Porém, posso evitar de sofrer o mesmo mal, se tenho por experiência esse mal sofrido. A Dignidade seria isso, o que me diz respeito ou o respeito que tenho por algum mal futuro. Esse é o conceito moral do Direito. Porém, o respeito que tenho por outra pessoa, é devido ao medo em sofrer algum mal pelo mal que cometi. Posso ao me relacionar com uma pessoa ter ou não por ela algum respeito, mas nem por isso vou faltar com o respeito, com alguma pessoa que mal conheço, mesmo que essa pessoa não me respeite. Assim, o que obriga a pessoa a agir conforme o Direito é a ética, sua imagem, o aspecto que o Mundo vem a assumir, não um teatro, mas uma realidade objetiva – que força a pessoa a agir conforme o Direito. O Direito seria assim um obstáculo à Liberdade, essa Liberdade que ultrapassa sua esfera em particular. Ou, se o uso da Liberdade causa obstáculo para a Liberdade de outro, mesmo que isso gere resistência, o meu direito, ou o poder exigir uma coisa de outra pessoa, vai até onde começa o seu direito. Assim, sou coagido, pelo Direito, a respeitar o mínimo ético, que se exige de uma pessoa, ou que o Direito tem o poder em coagir o que lhe causa algum empecilho, segundo o princípio da contradição. Mas o que resiste a isso, ou é destituído de inteligência, ou defende um interesse em particular. Assim, pelo ponto de vista objetivo, o Direito segue uma consciência de

obrigação, que uma pessoa possui – conforme uma Lei – e estabelece um obstáculo.

SEÇÃO 02: o crástino.

A Igualdade, seria uma mesma condição para todos. Por exemplo, para uma pessoa exigir que sua Liberdade seja respeitada por outra pessoa, deve respeitar a Liberdade de outra pessoa. Pois, caso contrário, não tem por que eu respeitar a Liberdade de uma pessoa, cuja Liberdade restringe a minha. Ou, por exemplo, sou livre para pensar e manifestar o que penso, desde que com isso eu não afete a esfera privada de outra pessoa. Ou, assim, como eu penso as coisas, ou como eu me imagino, seria, assim, um problema meu, mas como eu imagino outra pessoa, seria outra coisa, ou como essa pessoa me imagina. Mas outra coisa, é como cada coisa parece para cada um, visto que isso é uma coisa relativa, dado que cada coisa parece para cada um, como lhe parece. No entanto, o que corresponde com a realidade, seria, assim, outra coisa. Como, por exemplo, se furto 2 reais de uma pessoa, de certo sou um delinquente. Mas isso que se diz, corresponde com uma realidade objetiva? Um outro exemplo, seria um caso de ofensa, se ofendo uma pessoa ao lhe chamar de delinquente ou não, isso seria uma coisa, que a própria pessoa decide. Porém, se difamo seu nome em praça pública, posso lhe causar algum empecilho, ao dizer, por exemplo, que você não me devolve os 2 reais. Com isso você poderia ter dificuldade em ter algum crédito. E, por outro lado, se tenho algum empreendimento a cumprir, e ao entrar em sociedade com um objetivo, faço um investimento maior que os demais, que investem em igual, ao dissolver a sociedade, tenho, também, uma perda maior, ao ter que desfazer, por exemplo, o aleive de trigo, que levo em alto mar, para que não venha eu mesmo a sofrer algum infortúnio. Com isso posso exigir uma coisa proporcional ao meu esforço. No entanto, se algum empregado perde, pela desvalorização da moeda, um quinto do seu salário, no final do mês, talvez, não tenha ele como deduzir essa diferença. Mas é uma questão de ética, eu reajustar o seu salário, uma vez que eu mesmo exijo isso dos outros. Ou ainda, se a Igualdade, ou o mérito de uma coisa, é uma coisa proporcional ao meu esforço, e se o objetivo do meu trabalho é suprir as minhas necessidades, o que não consigo com um mesmo esforço, mesmo que o empreendimento tenha um rendimento melhor, seria um tanto injusto, da minha parte, silenciar isso, já que a pessoa não tem como perceber isso. Mesmo que ela tenha me furtado 2 reais, ou mesmo que isso restrinja minha liberdade, um peixe à grelha, então, a pessoa pode deixar em ter seu café da manhã por causa disso.

Assim, a Igualdade, como se diz nos dias de Hoje, seria a justiça social. Se sou preso por furto, você é presa por mentir que furto, e não há hierarquia nessa igualdade proporcional. O que é certo e justo, é se exijo que outra pessoa respeite minha Liberdade, assim, também, devo respeitar a Liberdade de outra pessoa. Ou se eu vou preso por matar alguém, você também vai presa se matar alguém, isso independentemente de você ser uma mulher ou de ser uma criança, visto que o Direito tem apenas uma mesma condição, para qualquer pessoa. E fora isso, é uma mera questão de legalidade ou isonomia – para a diferença na medida da sua diferença. O que não difere de um Igualdade, contudo, que não resguarda o mínimo ético. Isso, para mim, seria Igualdade.

A necessidade é o Direito, que tenho de tirar a vida de outra pessoa, mesmo antes que ela atente contra minha vida, uma vez que minha Liberdade está em risco. Esse, a bem da verdade, é o ponto crucial do Direito. Por vezes, me vejo pensando, a que ponto chegaria a incidência ou não da violência. Que eu seja condenado à pena de galé, em um navio negreiro, se bem me lembro, me lembro bem, *a corveta*. E que, por algum infortúnio, alguma tempestade nos assalte. Que pena maior há em jogar uma pessoa ao mar que a própria morte? Nesse Estado Democrático de Direito. Ou, que diferença isso faria para mim, se esse mal me é iminente? Ou estaria eu condenado a sofrer um mal maior. Mas o que seria isso, um bem menor ou um mal maior?

Em uma *República*, onde as pessoas eram uma coisa pública, uma Democracia seria mais ou menos assim. Haja vista os sobressaltos e sofrimentos que os melhores passam por essa vida, por parte da cidade, que se diz, não haver outro assim. Mas imagine, um traficante, em um veleiro, que supere todos em tamanho e em força, mas um tanto surdo e a vista a condizer, mas que costuma insinuar em cada quadro que ilustra, que você está três pontos de distância de uma realidade aparente, e com o conhecimento náutico a condizer. Mas que seja uma pessoa de bom coração, que ensine a cada um, como pegar o remo, o ritmo, a voga surda. Ou, o que seria ser um soldado, como se portar na mesa, ou como tomar uma refeição em comum, ou como colocar a mesa. Que te ensine, um ofício, em que em terras áridas, assim, constitua um vilarejo, onde haja Trabalho, respeito, e que, talvez, as pessoas não sintam, assim, muita falta de uma pessoa para compartilhar sua vida, seus segredos, enfim, de uma boa companhia, visto que entre amigos tudo é em comum. Assim, seria uma Democracia, o modo como se governa essa forma de governo.

No Direito do Trabalho, a sua gênese, está na escravatura. Trabalho, *tripalium*, em latim, era um instrumento para trabalhar o trigo. Por essa época, o trabalho, era considerado como um castigo. A condição de escravo permanecia no Tempo, até que ele deixasse essa condição. O seu único direito era o direito ao Trabalho. E o serviço que prestava, no entanto, era o que normalmente um cidadão comum não fazia. A antiga aristocracia, considerava o trabalho de forma pejorativa, levando em conta apenas sua força de trabalho. E se dizia que a dignidade de um homem, estava em participar o negócio da cidade pela palavra. O trabalho não tinha, assim, o significado de realização pessoal, pois as necessidades da vida tinham um caráter servil. E a dignidade, assim, consistindo na política (*Polícia* – *politeia*). Essa Ideologia de Classe foi imposta pela classe aristocrata, na antiga Itália. Todavia, o falso profeta, diria no valor social do Trabalho, que dignifica o homem, criando riquezas à nação e que agrada a Deus.

Em Roma, todo Trabalho era feito por escravo. E a *locatio* tinha por objetivo regular a organização do trabalho, em locar a energia ou o resultado do trabalho (*a opera*). Em um segundo momento, no feudalismo, *o vassalo*, prestava proteção militar e política (econômica) ao seu servo, que lhe devia *a corveia* – um serviço, para ter, assim, acesso à parte da safra, que se prestava ao Senhor feudal, pela proteção e pelo uso da terra, ou pelo uso da palavra. Mas a obrigação, o que se exige e prende uma pessoa, cujo objetivo seria

definir uma relação jurídica como vínculo à submissão a uma regra de conduta, em fazer ou não fazer uma coisa, teria em vista um direito pessoal. A obrigação, assim, se caracteriza não como o passivo em uma relação jurídica entre duas pessoas, mas como uma necessidade de cujo direito. E que por meio de uma relação obrigacional que se estrutura uma Sociedade Moderna. Ou que isso se constitui como uma armadura. Ou que esse direito tem natureza pessoal, tendo em vista um interesse em comum. Por exemplo, entre minhas necessidades, a que urge com mais força é a sede, ou a fome. A sede seria o que compartilho tanto com meu bom amigo, e fiel escudeiro, como com minha planta, em seu vaso de terra. Porém, a fome, compartilho apenas com meu cachorro. E, assim, não só a minha necessidade, mas a nossa, como uma coisa em comum. Assim, como se dizia, que não só de água e pão, todavia, o sereno de uma manhã, a brisa noturna, alguma noite em claro, ou esse caminho por esse bosque, como estações que se passam, ou como sonhos e refeições em comum, constitui assim minha obrigação. Mas essa paixão, o ódio, essa sede de vingança, talvez, seja o que é proibido para mim mesmo. Ou que, talvez, seja isso uma obra do destino, em poder ter isso como uma boa lembrança.

Nessa época, no entanto, o Trabalho era considerado como um castigo. Mas veio a Sociedade Moderna, num evento, em 1791, com o Decreto D'allarde, onde se dizia, que qualquer pessoa poderia realizar qualquer negócio ou profissão de sua vocação, desde que seguisse o regulamento correto. Assim, com o passar do Tempo, se instituiu a liberdade de trabalho, *o corolário* da Democracia.

Mas em um Estado de Direito, o que se considera é a incidência ou não da violência. Ou que, para resolver esse problema, é preciso ter uma solução para a incidência de violência. E, assim, o Mundo em seus primórdios, quando entre sombras, apareceu uma luz e Deus viu que isso era relativamente bom, e ao longo das vicissitudes da vida, a natureza foi formando *o ordálio*, a justiça passou de uma justiça privada, para uma justiça pública. E, assim, se constituiu o Estado de Direito, como *justiça oficial*.

A função do Direito está em definir a conduta, que seja mais grave, ou perniciosa, para uma sociedade, haja vista o valor que o Direito resguarda como o mínimo ético. Assim, o Direito, como ciência, tendo em vista que toda sociedade tem uma capacidade produtiva, busca alcançar uma Igualdade proporcional ao mérito de cada um. A sua função, assim, está em disciplinar a relação em torno de uma pessoa, com o Mundo em sua volta, inculcando o medo, como impressão de um mal futuro.

Mas isso se constituiu da seguinte forma, ou ao refletir pelo caminho, se pensou, que por sombras de dúvida, é sempre melhor a via de regra, assim, se instituiu o crime. Que, na verdade, é uma coisa que afeta o Mundo exterior, ao ultrapassar sua esfera particular, e afeta a esfera privada de outra pessoa – por optar em fazer o mal. Assim, o simples fato de tirar essa pessoa do convívio social e recolher em uma unidade prisional, resolve o problema da incidência de violência.

Assim, a justiça, tem um caráter apenas retributivo e preventivo, uma vez que ela não educa ninguém. Como em um caso de furto, se eu incorro em uma pena de 4 anos, com uso de ameaça, um mês ou multa, e cumpro o meu dever como bom cidadão, mesmo que eu reincida na mesma conduta, eu apenas cumpro o meu dever, como bom cidadão. E mesmo que eu volte a ser preso e reincida diversas vezes, eu volto apenas a ser preso, uma vez que tenho minha Dignidade resguardada. Assim, vou por esse caminho, até que eu, como bom cidadão, entenda que devo parar de fazer isso, pelos finais de semana que perdi, por uma pessoa que há tempo já não a vejo, pelo tempo que se passou, e pela minha situação, que continua a mesma, apesar das coisas, as pessoas, esse Mundo ter mudado.

E, assim, ao tipificar o furto como uma coisa absoluta, ou como *o princípio* do Direito, ou *a via de fato*, como legítima defesa, ou mesmo a multa, para uma pessoa não contumaz em seguir a mesma conduta, haja vista o Direito como o mínimo ético, posso chegar ao ponto crucial do Direito, *o homicídio*. Assim, pelo relatório do Delegado de Polícia, o Ministério Público apresenta a acusação, e sou submetido ao Tribunal do Júri. Assim, não como em um teatro, mas em ser *o senso crítico* que constitui o *Tribunal* em um Estado de Direito. No entanto, ao fazer um juízo de valor, o que se observa, seria apenas, se agir ou não de má-fé. E mesmo que haja rumores, em que em uma Sociedade Moderna os valores sejam diferentes, eu em particular, penso que é pela honestidade que uma pessoa afirma seu valor como homem, em uma sociedade. Até porque, não tem por que fazer parte de uma sociedade, que mal respeita o que é seu, ou que a cidadania seria a capacidade de responder em juízo, ou a noção do que é seu de direito.

E observando, por outro lado, a organização criminosa, um grupo, cujo objetivo é o lucro com a prática de crime, furto. Mas o tráfico, haja vista o Brasil ser uma República, ou que as pessoas eram uma coisa pública, em uma época sombria de nossa História, onde, bem me lembro, me lembro bem, grassou uma maldição pela África, quando ainda era um país um pouco maior que o Brasil, onde havia duas regiões, o reino do Dongo e o reino do Congo, hoje conhecido como Angola, onde se instituiu uma feitoria, por onde passava os escravos e chegavam à Ilha Grande, porto velho do Rio de Janeiro, que na época já era escravocrata. Ou, o Comando Vermelho, nos dias de Hoje.

Mas, assim, uma curiosidade, que tenho desde pequeno, pelo temido e desconhecido, uma facção se constitui pelo mérito, não por um estatuto de trombadinha de São Paulo. E que se ouve, por tradição verbal, em uma Ideologia de Classe, em tempos modernos. Mas, a bem da verdade, é com uma moeda de troca, que discrimino essa classe.

Todavia, voltando à forma como depreendo o Mundo, ou como penso as coisas ou como eu me imagino, ou como me relaciono com outra pessoa, pelas surpresas que a vida nos resguarda, em particular, acho que a realidade se constitui pelas impressões que a pessoa tem ao longo da vida. E mesmo que ao ver um traficante, a impressão que se tenha seja a mesma, o que isso representa para você, que disciplina a relação entre as pessoas, em uma sociedade constituída por mentiras, que é diferente. Mas mesmo que esse

Mundo de aparências não mude, ou mesmo que eu viva frustrado com esse amor aparente, talvez, tenha eu assim algum objetivo.

SEÇÃO 03: a véspera.

Assim, considerando que uma sociedade tem uma capacidade produtiva, a realidade no Brasil é, se você não trabalha, você morre de fome. Ou que isso que constitui a pena de morte, ou a justiça pública, como se dizia em tempos passados. Mas que eu tenha algum objetivo. Uma coisa que eu produza, seja isso um objeto, ou seja isso a minha pessoa, como uma força que opera. Mas para ter um valor de troca, é preciso ter um valor de uso. E para ter um valor de uso, isso precisa satisfazer uma necessidade, não minha, mas sua. Assim, dado que a necessidade mais forçosa dessa vida é a água, eu estabeleço a unidade de peso, e use o ferro para representar essa minha moeda de troca – que se transfigure em uma faca. Mas para definir essa medida, em seguida, vejo o que segue essa necessidade, um alqueire de trigo, e qual o Tempo necessário para produzir a safra do ano. Disso eu tiro a proporção de um alqueire de trigo e um quintal de ferro, ou como se diz: “*a cada casa um belo jardim*”. Mesmo que a grama do vizinho sempre pareça mais verde do que a sua, talvez, você tenha, assim, também, algum objetivo. Uma coisa, assim, que buscamos em comum. Seja isso em uma Sociedade Moderna, seja isso em sua família, ou seja isso, em seu grupo de amigos. Uma coisa que existe, não para mim, mas para você.

Que, no entanto, eu produza alguma coisa de valor, como a força magnética, que, talvez, não teve utilidade prática alguma, antes de alguém lhe inserir na bússola. Ou, antes, que eu descubra, que o mal maior está em sofrer alguma injustiça, sem poder se defender. Ou, que o bem menor, diria que o mal que a isso se antecipa, é relativamente bom. A necessidade, assim, constitui o que tenho como obrigação. Contudo, vale lembrar, que foi essa a perdição do gentio.

Mas sem dúvida, é uma obrigação, conviver bem com quem, por natureza, ou por obra do acaso, ou por nossa escolha, se transformou em nossa companhia nessa vida, por onde se passa os dias, os meses, as estações e o ano. Isso sem falar em sonhos ou em refeições, ou que nisso se vai quase metade de nossa vida. E o tempo que tenho, para mim, é o tempo que me furto do sono, para assim escrever, alguma coisa digna a essa minha República, ou a essa utopia, um lugar feliz, em latim: “*Brazil*”. E que espero, que essa planta, em meu vaso de terra, germine e aflore em minha companhia, já que não posso saber por carta, como as coisas andam ou como se conduz, sem a minha presença. Mas vivo a procurar, por esse oceano, ou em que parte desse Velho Mundo, se encontra. Estaria, sem sombra de dúvida, disposto a pagar um valor condigno, ou restringir uma cerveja, para desfrutar de sua companhia. Em primeiro lugar, por me incomodar, por não a ver por onde passo. E em segundo, assim, por me sentir cansado de ver os amigos de Jesus, com sua obrigação e sua religião. Todavia, que seja essa minha vocação, *ancila*, seja essa minha obrigação, por me ter em sua companhia, não por uma pessoa mordida por uma cão raivoso.

A honestidade, no entanto, consiste em afirmar seu valor, como homem, em uma sociedade. Numa sociedade, onde se respeita o que é de cada um, o direito é o poder que uma pessoa tem em obrigar uma outra pessoa a cumprir com o que lhe é devido, ou o poder moral em restringir a sua Liberdade. No Direito Natural, o direito originário, é a Liberdade. E a Igualdade, a forma como se exige uma coisa recíproca de outra pessoa. Ou que não posso obrigar mais que posso ser obrigado. Por exemplo, matar alguém, não sendo o direito originário, dado que existe apenas um, seria um direito adquirido, ou uma coisa que tenho por mérito. Por exemplo, posso expor a forma como vejo o Mundo, ou como depreendo as coisas. Por outro lado, um direito adquirido é uma coisa que tem como condição, meu próprio esforço, e tão-só. Não que eu venha a matar uma pessoa por causa de 2 reais, ou envenenar o seu cachorro, porque você não concorda com meu ponto de vista. Mas a honestidade, é o que está em conformidade com o Direito. Mesmo que o Direito Natural se divida em Direito Público e Direito Privado. O que seria meu, a bem da verdade? A bem da verdade, o que é meu, seria uma coisa ou um objeto ao qual me relaciono, e cujo uso por outra pessoa me afeta. Assim, a honestidade, consiste em respeitar o que é do outro. O que é meu, seria, assim, um bem que é intrínseco a mim, como, por exemplo, a minha vida, ou um objeto, exterior a mim, que posso ter em meu poder, sem que com isso eu afete a esfera particular de outra pessoa, em sua Liberdade, como o que lhe é seu. O que tenho em meu poder e que para mim tem um valor afetivo, é meu, e meu o dever em lhe proteger. A honestidade, assim, seria a forma como me relaciono com outra pessoa, em uma Sociedade Moderna.

Nesse sentido, assim, o que é meu, é o estado em que me encontro, a forma como me relaciono com o outro, ou outra coisa, o juízo que conduz minha vida, uma coisa, ou um objeto que tenho em meu poder, o aspecto, ou a forma que o Mundo assume para mim. Tudo isso é meu e tão-somente meu. Ou que tudo que não diz respeito a isso, ou que me priva, me causa prejuízo, pelo valor que isso tem para mim. Ou, que não posso ter como meu, uma coisa, que não tem valor algum para mim. Assim, como uma maçã, que tenho na mão, não é minha, só porque a tenho na mão. Mas se é minha, não importa se se encontra fora do meu senhorio, ou não, uma vez que é minha, ela não deixa de ser minha, mesmo que você a tenha na mão. E, assim, não posso dizer nem mesmo de escravo uma pessoa, senão, coagido por mim, tenho o direito em lhe exigir algum serviço.

Um exemplo do direito originário, a Liberdade, seria o de uma comunidade originária. Assim, considerando um espaço, em um certo local, esse espaço, entra em meu domínio, segundo uma posse primária. Ou partindo do ponto que uma coisa é em comum, ou que em uma República se considera o território como uma coisa comum, a posse primária é o que me confere o direito em ter essa coisa, ou esse espaço, como meu. Assim, apenas a vontade não confere esse direito, visto que preciso respeitar a sua Liberdade, ou o direito originário dessa pessoa. Portanto, é a minha vontade e a minha posse primária, que faz que o outro respeite minha Liberdade, e não entre em minha casa. Da mesma forma, isso não deixa de ser meu, por eu apenas não me encontrar no local. Ou que, caso contrário, a minha Liberdade se vê restringida, ao ter o receio, em que, ao sair de casa, outra pessoa entre em minha casa, e a tome como sua. Ou, que sendo a Liberdade uma coisa em comum e sendo minha a casa,

posso fazer uso dela sem contradizer nenhuma Liberdade. Assim, ao dizer que uma coisa é minha, obrigo todos os demais a respeitar isso, não por uma vontade unilateral, mas coletiva. E o Estado de Direito consiste nesse poder, em obrigar que a pessoa respeite a Liberdade do outro, ou onde cada um respeita o que é seu.

E, assim, em uma comunidade originária, não uma comunidade primitiva, que remonta no Tempo, mas num estado de comunidade, em que se respeita o que é do outro, que se erige uma Sociedade Moderna. Mas a aquisição originária, é a aquisição de uma coisa que não pertence a outra pessoa. Ou se, por um acaso, uma pessoa se encontra em um local, sem que sua vontade tenha predefinido, nada mais natural em ressentir algum estranho, que entre nesse espaço que ocupa. E em uma posse primária, o que se considera, é a vontade da pessoa, e sua antecedência no Tempo. Tendo em vista, assim, que uma coisa não existe sem que exista um espaço e seu Tempo. Essa seria a base do direito originário. Assim, qual seja a forma, ou o aspecto que o Mundo venha a assumir, se dizia, antigamente, que esse direito seria como um gênio que guarda a pessoa. Ou que a razão é como uma brisa que nos acompanha. Mas se não fosse assim, ou mesmo que não pareça assim, pensaria eu, no Direito, como uma coisa que tenha comigo alguma obrigação.

Assim, em um Estado de Direito, não só a necessidade, que reúne as pessoas em um mesmo local, ou essa mesma necessidade que estabelece entre as pessoas um limite, para assim, poder viver em sociedade, que faz um homem seguir um mesmo costume – não que esse Mundo aparente venha a assumir o mesmo aspecto – mas o mínimo ético. E, assim, seja em sua forma ou em seu modo, o sentido, que as coisas assumem, vai mudando o aspecto que o Mundo apresenta em sua volta. Porém, mesmo que cada coisa pareça para cada um, como lhe parece, na verdade, nada sei do que sei, apenas o que não sei, e nada mais do que sei, ao dito-cujo *animus necandi*.

ANEXO 02: O SERVO.

Chegando a notícia da morte de meu augúrio, cai em profunda tristeza – oh Bruto – não apenas por perder a bela e grande amizade que tinha, mas por me ver privado de sua companhia, e demais deveres a cumprir em comum.

Por esse mau augúrio, que me iniciei nesse grande auspício, pelo qual anuncio a partida de um grande amigo.

Nesse tempo de penúria, apesar de morrer sem poder desfrutar de certa fortuna, deixou uma bela lembrança. Mas seria mais nobre combater a não ter como inimigo, visto que nada lhe foi impedido?

Acredito, entretanto, que por desfrutar da sua presença por um bom tempo, partiu em tempo oportuno, malgrado nossa saudade. Mas soframos esse mal se assim é necessário, ou de não poder desfrutar de sua companhia, por esse mal ser nosso, visto ser essa *agonia*, amizade.

PARTE 03: O FANTINE.

SEÇÃO 01: o dilúculo.

Toda arte que compreende um ofício, ou uma ciência, tem como fim o bem. Muitas vezes, a prática em si seria esse fim, embora o que resulta disso seja algo mais importante que a simples prática de um ofício. Assim como na medicina o fim seria a saúde, na construção o veleiro, na estratégia a vitória, ou na economia, a fortuna, mas de um ponto de vista holístico, ou a ciência vista pelo seu campo como um todo, o fim que se busca seria algum bem, em torno do qual gira esse Mundo aparente. Ou, assim, como selar um burrico, diz respeito, não só à estratégia, mas de cujo fim essa ciência exerce sua função. E não seria, então, o conhecimento desse bem, algo importante, para com o modo como nós conduzimos nossa vida? Se assim for, ou se assim Deus o permitir, seria então preciso definir esse bem, e se faz parte, assim, apenas de uma parte teórica, ou se possui uma parte prática. Mas, que no início, coube a Deus, definir a função de cada um, à árvore de um bosque, coube dar sombras, ao burrico, cujo criador tomou o vento sul e assim o fez à sua imagem, coube, talvez, o movimento. No entanto a minha pessoa, ou outra pessoa que seja, uma outra pessoa, o que coube, assim, como sua função? Ao rio, que deságua nesse mar, talvez, não um mar de rosa, mas uma fonte inesgotável, por onde se diz que águas passadas, são passado, e que não passam mais pela mesma pessoa, ou por outra pessoa que passa por algum trecho desse rio. Ou que não se deve beber muito de sua água, ou, o que fica e o que se leva, são lembranças, o vestígio de um sonho que se segue e que se vai, como a brisa que nos acompanha.

Seria, assim, esse bem, o objeto, disso que considero como ciência? Ou, não só o bem humano, mas de um Mundo que o rodeia. E observando, assim, o estado das coisas, não só a estratégia, mas, também, a retórica, seriam parte dessa ciência, ou o Estado de Direito que se constitui, como um fim que se busca. A bem da verdade, nos dias de Hoje, com uma evolução sem precedentes de uma ciência, a vida de uma pessoa, em particular, vale nada mais do que nada, com o engenho humano. A facilidade com que se tira a vida de uma pessoa, com uma arma de fogo, é muito grande e mais do que nada o valor de um projétil, e isso que vale a vida de uma pessoa, 5 a 6 reais. Ou que, talvez, se teve em vista uma Igualdade, ou a insídia da paridade de armas. Tendo em vista, o bem de uma nação, como uma coisa mais divina, que fez, talvez, as pessoas buscarem sua Liberdade, e resguardar para si mesmo, sua Dignidade. Mas o que se discute, em torno dessa ciência, se mostrará mais adequado, se atingir um ponto mais preciso à sua função, ou o mínimo ético. Ou seu objeto, o pobre e o nobre.

O assunto estudado por essa ciência envolve concepções diversas de opiniões, muitas das vezes incertas, quanto ao seu objetivo. E, assim, uma semelhante incerteza cerca a sua concepção de bem, pois, não é de hoje que pessoas são arruinadas pela fortuna, ou vidas ceifadas pela coragem. Mas assim como um soldado por sombras de dúvida, se deve apresentar, pelo menos em esboço, um delineamento da verdade, ao menos preciso, ou mesmo que um todo seja algo relativo, não seja eu mesmo a não saber quem eu mesmo sou, em particular, uma vez que cada coisa parece para cada um,

como lhe parece. Assim, em conformidade com isso, se deve aceitar a verdade, sem se resignar com alguma surpresa que a vida nos resguarda, no que respeita ao seu ponto de vista, as coisas parecerem de forma diferente, pois, isso constitui a marca de uma pessoa instruída, o que espera um grau preciso, que é permitido pela natureza, de cada assunto em particular. Assim como é indiferente, aceitar uma coisa considerada possível por um matemático, assim também é indiferente, você achar que cada coisa parece para cada um, como parece para você. Mas qualquer pessoa, julga corretamente algum assunto que lhe diz respeito, sendo assim, um bom juiz no que lhe diz respeito. E que sua responsabilidade, se limita a isso, a você mesmo. Mas mesmo que para se julgar um assunto, em particular, seja preciso que o indivíduo seja instruído, nesse assunto, ou mesmo, que eu seja levado por alguma paixão, quem seria, para mim mesmo, o melhor juiz, senão eu mesmo? Uma vez que minha consciência me acusa, mesmo sem ter incorrido em algum crime? Mas que esse mal seja para mim relativamente bom, uma vez que esse mal é meu, ou que o Tempo, é um bom descobridor. Todavia, o erro que me induz ao pecado, não tem cunho cronológico, uma vez que o que constitui esse problema é a paixão, essa paixão que conduz nossa vida, essa a paixão, o que se evita, o que ofusca minha vista. Mas que isso, no entanto, baste a esse assunto.

Que se diga de passagem, que o intuito em conhecer uma coisa, seja a consecução de um bem. Grande parte das pessoas concorda, no entanto, que esse bem seria o viver bem ou o prazer em viver, como ser feliz. Mas o que constitui a felicidade é um assunto polêmico, em um campo de guerra, onde correm falsos alarmes, e o que corresponde com a perspectiva de grande parte das pessoas, não corresponde com uma realidade objetiva. Costuma-se dizer como um bem óbvio, o prazer, a fortuna, ou a honra – umas dizendo uma, outras dizendo outra, ou algo diferente. Muitas vezes, a mesma pessoa diz coisas diferentes, em ocasiões diferentes. Quando doente, diz ser a saúde sua felicidade, quando pobre a fortuna, quando castigada a justiça. Enfim, considerando uma realidade, pelo ponto de vista objetivo, ela possui três pontos de distância de uma realidade aparente. Um pelo qual segue sua vida de forma normal, um em um mau estado, outro o mesmo, segue de forma normal, mas um tanto bom, relativo ao outro, um outro, um bom estado, um outro, o normal, mas um tanto ruim, relativo ao bom. E em outra ocasião, ciente de sua ignorância, parece grandioso algo que se diz diferente, ou que ultrapasse sua compreensão. Diria assim o falso profeta, que seria as virtudes cardeais, ou que o bem é a causa de algo bom. Talvez, seja um tanto infrutífero, o floreio de diversas opiniões. Mas que se examine, assim, apenas o que encerra alguma razão em nosso favor. E sem considerar se se parte de um princípio, ou se conduz a algum princípio, ou como se dizia, correr do juiz rumo a um certo ponto, ou de um certo ponto, correr rumo ao juiz. Porém, que é apropriado partir do que se conhece.

SEÇÃO 02: o crástino.

Há uma coisa, que é conhecida, e uma coisa que pode ser conhecida, que é outra coisa. E como um bom aluno do correto, por essa vereda, é apropriado partir do conhecido. Ou, como um cão de guarda, discernir o que seria estranho. Assim, se deve saber, conduzir sua razão. Uma pessoa que sem

saber ela mesma, não aprende com outra, é uma pessoa, assim, inútil. Mas partinho desse ponto, a julgar a vida alheia, a concepção do bem, que parece predominar de forma vulgar, seria o prazer. O geral da espécie humana, se revela, assim, vil, sem receio algum, e levando uma vida mais apropriada para um cão.

O sábio, no entanto, seria o que sabe muito em relação ao que se sabe de uma coisa, ou como o que se sabe no Tempo, no espaço, ou o sidus, o cálculo e a harmonia, ou no ofício de uma coisa. Assim como ao se perguntar o que seria o ofício de um pedreiro, ou o que seria o barro de um tijolo, o que não compreende o nome de uma coisa, não saberia o que seria essa coisa como arte do ofício. Mas ao invés de seguir por esse caminho, sem um destino certo, poderia se dizer simplesmente que o barro seria uma mistura de água com terra. Ou que o quadrado de um ou um quadrado possui seus lados iguais, assim como o saber ou como uma distância a percorrer. Ou como a brisa que nos acompanha tem sua causa na Lua, o que sabe algo sabe que sabe algo como constituir uma representação da impressão que se tem. Mas isso seria um tanto relativo... E como se dizia, antigamente, que o homem seria a medida de todas as coisas que são enquanto são e que não são enquanto não são. Como ao sentir um vento frio uma pessoa possa sentir frio, enquanto, outra pessoa, possa não sentir frio, assim como o ilusório nesse Mundo aparente. Ou que cada coisa parece para cada um assim como lhe parece. Todavia, o engano se encontra em achar que toda impressão corresponde com a realidade, uma vez que nada é em si e por si de forma permanente, visto que nenhuma coisa é estável, vindo a ser sempre o que parece ser. Como um princípio do movimento, que se sente pelo calor do corpo, ou não, pelo repouso. Assim o movimento do espírito seria a causa do conhecimento.

Uma pessoa, assim... mais refinada, pensa ser esse bem a honra, em vista do bem que resguarda. Mas a honra, afinal, se afigura um tanto superficial, visto que parece depender mais de quem a confere. A impressão que se tem, no entanto, é que esse bem é próprio da pessoa, não variando com a opinião alheia. Contudo, o que motiva uma pessoa a buscar a honra é assegurar o próprio mérito, haja vista a virtude o seu fim. Mesmo a virtude, porém, não parece ser o fim próprio, que se busca, a não ser que se suporte um paradoxo como preço, ou uma realidade aparente sem nexos, que exige uma resposta da pessoa, por, assim, optar em viver de forma correta. O que se questiona, no entanto, não é a ofensa, por que se passa, todavia, a incidência ou não da violência, ou o mal que se retribui pelo mal sofrido, assim, que nunca se deve fazer mal a algum amigo.

Mas quem seria seu amigo, uma pessoa que parece ser seu amigo sem ser um amigo, ou uma pessoa que mesmo que assim não pareça, pode vim a ser seu amigo? Contudo, como um bom cão de guarda, se deve saber quem é ou não um estranho. No que pese nossa amizade, no entanto, se deve sempre escolher, mesmo ao vínculo mais íntimo, pela verdade.

Todavia, por esse Mundo de aparências, uma coisa relativa, seria, não uma coisa Ideal, ou alguma pessoa, em particular, um bom lugar, um tempo oportuno, uma coisa modesta, porém, uma relação, em ser útil ou não. Mas como um soldado, o que não é conhecido por mim, seria o que ocorre antes ou

após uma coisa, ou uma relação de causa e efeito, sendo a violência, a causa, o mal que segue esse mal, como algo relativamente bom. Ou que isso afeta meu mérito. Mas que, por vias de fato, eu mantenha minha imagem, minha liberdade, ou, o que para mim tem algum valor. E que seja eu preso por isso. Contudo, ao retornar ao bem que constitui o objeto que se busca, a bem da verdade, parece ser, assim, uma coisa que opera na pessoa.

Assim como toda coisa útil, como o ferro, deve ser considerado pela qualidade, pela quantidade, ou se pode ser útil sob diversos aspectos. Em suas várias formas de uso, cada coisa possui uma virtude intrínseca, como a do ímã em atrair o ferro. A utilidade de uma coisa, faz dela um valor de uso, todavia, esse valor não existe sem essa coisa, assim como o ferro, é um valor de uso como uma coisa. E isso não depende da quantidade de Trabalho necessário, como, por exemplo, em um relógio. Não que em um rolex tenha seu melhor valor de uso, mas que na antiga burguesia, predominava a ficção jurídica, que todo homem possui um conhecimento enciclopédico acerca de uma mercadoria de seu interesse. O seu valor de troca, no entanto, se define pela quantidade de outra coisa por esse produto, o que varia no Tempo e no espaço.

Ou, assim como, na construção, uma casa, ou na minha esfera privada, o que se constitui como objetivo, não se revelaria assim como algo completo. E mesmo a fortuna, ou uma moeda que a represente, seria apenas um meio para atingir algum objetivo, não um fim. No entanto, essa moeda que se transfigure em uma faca, se torna cada vez mais perigosa à medida que adquiro mais força, assim como uma neblina. Ora, mas a felicidade não seria, assim, o que se busca em si mesmo. Ou a honra, o que constitui um meio pelo qual, se resguarda sua felicidade? Todavia, ao rever o que constitui a felicidade como fim, se deve observar a função que coube ao ser humano. Há, assim, a função nutritiva de uma árvore, ou a função sensitiva de um cão, ou a diferença, entre um soldado e um bom soldado, que exerce bem a sua função. Assim, seguindo a razão, o que se deve observar é isso que nos acompanha, como uma brisa noturna. Ou que o espírito de um soldado está em guarda a cidade. Assim, ao definir essa forma de vida, ou a classe, que como parte exerce sua função, se observa o objetivo que se busca. O viver bem, ou, o prazer em viver, ou exercer bem a sua função, como o que constituiria a felicidade, ou como ser feliz. E, assim, como um *corvo* a sós não faça o verão, faz assim uma bela noite de verão.

Há, assim, três coisas, que se considera, uma coisa, a alma e o corpo, como o que constitui a felicidade, ou que o bem é, a causa, de algo bom. Como o prazer em viver ou o viver bem. Ou que isso seja constituído pela sabedoria e pela prudência. Mas o que considera a virtude como o que constitui a felicidade, estaria de acordo com que buscamos, pois se conforma com o mínimo ético. Mas, assim, se volta ao problema se vale a pena de um paradoxo. No entanto, o dilema que constitui esse problema está em cometer um mal, ou retribuir, um mal com o mal, que não são a mesma coisa. Ou, diria eu, que isso é o que constitui o complexo de vira-lata. Mas, que atire a primeira pedra, o isento de pecado. Por esse augúrio, onde o cão guarda o Inferno. Ou que, ao se dispor em modo virtuoso, sua conduta se manifesta, em um Mundo exterior. Assim como uma pessoa, que gosta de uma peça de teatro, no que conforma com a virtude, segue o prazer. Mas assim também é preciso um bem

exterior, que constitua a felicidade, assim como em um teatro, que seja coferido a cada pessoa, um papel e uma bela veste. Ou mesmo que essa pessoa se encontre adormecida, ou que algum infortúnio venha a lhe acorrer ou a ocorrer em sua família, mesmo depois da morte, poderia se pensar em que constitui a felicidade. Uma vez que a vicissitude dessa vida, sempre nos resguarda uma surpresa. Ou que Deus faz aparecer um mal, em sua casa, quando pensa em punir uma pessoa. Haja vista o prêmio, ou uma coroa de flores, ser coferido não ao mais belo, mas ao que participa o Mundo Profano.

Talvez, assim, só apenas depois da morte, uma pessoa seria, assim, considerada feliz, uma vez que está longe do alcance do mal. Mas mesmo o dinheiro ou a honraria, talvez, não possam evitar o infortúnio que recai sobre sua família, mesmo que se tenha atingido um fim feliz. Talvez, um bom filho em ter uma boa sorte, tenha a sorte que merece e o oposto, o oposto. Mas seria algo estranho, a pessoa compartilhar dessas mudanças que a vicissitude nos resguarda? Se sentiria, assim, miserável, pelo que assola a felicidade de sua família. Mas voltando a nossa dificuldade e observando o fim que se busca, se diria de uma pessoa como uma pessoa feliz, em uma vida passada, ou que a felicidade não está sujeita à mudança – pois a roda da fortuna se mantém girando – ou que a sorte, seja malévola ou seja benévola, como um auspício, que conduz a nossa vida, como uma marionete, que encerrando uma ampulheta, se resguarda de alguma violência. Mas, talvez, seja equivoco, nos conduzir pela vicissitude que a sorte nos conduz. Ou em confundir a canícula com esse anjo da morte. Mas ao trocar esse reino de sombras, pela serena realidade, que preside essa idéia, todavia, ao estabelecer um limite entre o belo natural e o belo artístico, nessa *filosofia*, visto que a cada ciência há o direito em definir seu objeto, segundo sua vontade, ou do costume em observar o *sidus*, ou uma bela árvore, ou um bosque iluminado, ou um fenômeno, como a neblina, ou um belo homem, ou sombras da folhagem, que refletem no espelho d'água, se observa a razão, que aproxima o belo natural do belo artístico, ou de uma morte violenta de uma morte natural, como produto do espírito humano, pior que seja a idéia que vague esse espírito humano. Assim como, o Sol ou a Lua, ou essa brisa noturna, que me acompanha, como algo passageiro. Mas observando o Sol pelo seu ponto de vista necessário, em engendrar as estações, por que passa a vicissitude dessa vida, talvez, reflita esse bem, o reflexo dessa luz, que produz, talvez, sombras de alguma dúvida, ou a verdade que se ignora. Assim, talvez, o belo natural seria um reflexo, pelo meu ponto de vista. Uma coisa, assim, um tanto vaga. Mas fugindo um pouco desse meu íntimo sombrio, porém, não há situação alguma na vida que essa beleza não intervenha como um gênio, que se busca e se apresenta, como um vínculo em comum. O que discerne essa aparência, esse reino de aparência, e reflete a verdade em seu aspecto, ou na aparência enganadora, a aparência ilusória da arte, uma coisa do passado, cujo reflexo não possui o mesmo aspecto, todavia, com um mesmo destino. Mas qual seja o objeto dessa ciência, ou o que consiste na verdade, todavia, o belo, muitas vezes, aparece em uma representação não como uma coisa necessária, mas como obra de um acaso. Mesmo que a percepção desse Mundo aparente seja enganadora, seria isso, com mais forte motivo, que nos arrasta à paixão. Mas se isso existe ou não, ou se seria o acaso a presidir essa representação, assim, seria segundo cada ponto de vista.

SEÇÃO 03: a véspera.

Porém, tendo em vista, que o objetivo de nosso estudo, tem um objetivo prático, assim como, na medicina se deve observar o que carece e o que excede um certo ponto, ou mesmo, em não observar uma intempérie, na navegação, seria como um temerário. Da mesma maneira, o que cede a qualquer prazer, decerto é um libertino, escravo de seus próprios vícios. Ou assim, como um homem forte se torna forte ao suportar um certo esforço, ou, corajoso em poder, sem medo, suportar uma situação, se torna, assim, um homem simples, com a consciência de suas limitações, ante o perigo, ou em aceitar ou não isso com prazer – uma vez que isso que conduz nossa vida. Mas é da natureza operar pelo oposto, já que seria por uma dor que se suporta, que um homem se torna forte, uma vez que, é essa, a natureza da medicina. E essa, a paixão, que corrompe nossa vida, que me assola, o que se evita, o que nos assalta, e leva nossa vida. Mas qual seria o motivo de uma escolha, seria o prazer, seria a fortuna, ou seria a honra? Mas a virtude em suportar uma situação está em seu fim. E a paixão um estado de espírito. É o sentido em estar em um mau estado, ou em estar em um bom estado, que uma coisa vai tomando, que direciona seu caminho. O que consiste em virtude, no entanto, não seria em sentir ódio, por exemplo, todavia, em fazer a escolha certa. Assim, não sou classificado como bom ou mau por alguma paixão, ou por sentir ódio, por exemplo, porém, por sentir ódio de modo errado, ou o sentido que uma coisa toma, por minha escolha. Ou, como se diz que uma pessoa é movida pela paixão. Mas que a virtude consiste no caráter da pessoa. Como a vista, ou um cão de guarda, que percebe um estranho. Assim como em uma obra de arte, que em nada carece e em nada excede o ponto perfeito da sua natureza. Ou, como sentir ódio, por exemplo, no momento certo, em relação à pessoa certa, e com um objetivo certo. A virtude é assim o ponto pelo qual a pessoa segue esse caminho. E a escolha o que faz de uma pessoa uma pessoa prudente. Ou como em um quadro, o ponto que diz respeito ao medo, seria a coragem. Mas uma outra coisa, seria o adultério, que é mau em si mesmo, sem que haja uma escolha certa, ou um ponto certo, para um objetivo prático. Como na fortuna há uma diferença entre generosidade e prodigalidade. Mas, uma vez que posso aspirar a honras menores, não haveria sentido em ser um homem ambicioso. Mas como se diz: *“É por pequenas pedras que um homem move montanhas”*.

Enquanto ao valor, há o que diz respeito, à sua conduta e a verdade em sua palavra. O invejoso se desgosta de toda sorte do outro. Um homem simples, parece covarde, em contraste com o temerário. Porém, o ambicioso segue sua paixão, ou o desejo em alcançar seu objetivo. Assim, a virtude concerne à paixão. O involuntário, no entanto, seria por ignorância, ou como alguma coisa compulsória, como a força da intempérie que leva a pessoa a um lugar ermo, o que não tem origem na pessoa, mas a uma coisa externa. Mas a pena em nosso dilema... é sempre a morte. Todavia, dizer compulsório o que se realiza pelo prazer, seria o mesmo em dizer de toda coisa como compulsório. Todavia, o involuntário, seria apenas o arrependimento na pessoa. Todavia, um viário, a escolha, no entanto, é uma coisa voluntária, embora, nem sempre o voluntário segue uma escolha, visto que a vontade segue um objetivo, ao passo que a escolha escolhe um meio. Todavia, óbvio, não se escolhe uma coisa

impossível. A escolha não é opinião, que se forma em relação ao que está em meu poder fazer ou não, mas ao que diz respeito a algo bom ou mau, visto que não existe nada que incrimine uma criança, mesmo antes do seu nascimento.

No entanto, poderia se indagar, se a justiça teria o mesmo sentido. Injusto é o que toma mais que lhe é devido, seja isso em Dignidade, Liberdade ou Igualdade. Sobretudo, no que coube a sorte. E o Direito a regra de justiça. Ou o interesse comum. A conduta de um homem honesto, no entanto, não seguiria o mesmo caminho. A justiça, assim, seria a virtude que consiste em uma pessoa. Não sendo a estrela matutina, nem a estrela vespentina, mas um objetivo prático. A mesma razão nos leva à relação com alguém. Ou, o que manifesta o seu vício a ponto de afetar a esfera particular de outra pessoa, sob à égide da Lei, uma pessoa, assim, injusta. Uma pessoa, assim, de mau gênio, que se recusa a ajudar algum amigo, por mesquinaria. Assim, talvez, diria o falso profeta.

Assim, no entanto, a injustiça, se expõe na relação que uma pessoa tem com os outros. Como em uma relação afetiva, ou no adultério, por exemplo, em que uma recebe o que a outra paga, e a outra paga o que a outra recebe. Decerto quem paga, é um delinquente. Mas a que recebe, uma pessoa injusta – visto que a outra mantém a relação por uma perda. Mas a injustiça diria respeito ao que afeta a honra da pessoa. Todavia, o justo, seria o legal e o igual, pelo meu ponto de vista. Mas por essa vereda, nem sempre o que aparece seria o que corresponde com a realidade, uma vez que a justiça é um bem alheio. Ou que essa vida vive uma guerra contínua, entre os outros, entre uma cidade e outra, entre sua família e outra, ou consigo mesma. Ou, talvez, em Hoje vence o eu de ontem, em amanhã vencer o de Hoje, ou de Hoje em diante vencer o que me ultrapassa, está as milhas que segue por esse caminho.

Assim, é preciso controlar o caráter da nossa pessoa, ou que, tendo em vista, o estudo da virtude, ou o fim que se busca, em ser, assim, um bom soldado seguindo por esse caminho, não seja eu mesmo, por um equívoco, lapidado por um cidadão comum. Todavia, que ao delinear uma regra de conduta, se segue esse objeto em estudo... mas que se estabeleça, entre nós, um ponto de consenso: entre sofrer um pecado alheio, ou, ser acusado por não perdoar um pecado alheio. Por via de dúvida, acho eu, em particular, que o que comete o pecado que deve responder ao mal que cometeu, ou em dizer: "*nullum crimen sine injuria*". Ou, que não basta ser uma coisa pecaminosa ou à conveniência.

Todavia, como a felicidade, ou o bem, é uma coisa que opera no espírito da pessoa, em conformidade com a virtude, deve-se observar a natureza da virtude, visto que o que se busca é o bem humano, ou a felicidade humana. O espírito de uma pessoa, no entanto, como se dizia em tempos remotos, parece se dividir em duas partes, uma racional e outra irracional. A irracional parece ter uma função nutritiva, a mesma em tudo que encerre uma força motriz. Mas parece que essa parte da virtude se manifesta mais no sono. Ou que, seja bom ou mau o destino que se segue, é nessa vida que a virtude se manifesta. Ou, em seus sonhos, embora alguma impressão possa afetar essa pessoa em seu sono. Assim como sua imagem, que reflete ao se sentar na frente do espelho, pode embaçar, com o calor do seu corpo. Mas que assim se siga em frente, em buscar de quem seria, assim, mais belo do que eu.

CONCLUSÃO

Ao longo desses 5 anos, observando a trajetória que o Brasil vem seguindo, e veio seguindo já de tempos remotos, em se ver o racismo estrutural, a violência policial, o tráfico de pessoas, e o COVID-19, que se alastrou como uma peste negra, apesar de nada saber em questão de uma prevenção, de informações colhidas, se conseguiu em parte conter a violência dessa epidemia que se alastrou Mundo afora. Isso claro levando em consideração as pessoas vitimadas e as famílias, que por algum infortúnio, talvez, não puderam se despedir de algum familiar, ou de algum amigo, acho que teve seus pontos de vista positivos.

Assim, também, a violência no país que se manifestava não só na violência policial, mas em homicídios e sequestros. Em um tempo, ou de um tempo, em que o porte de arma, na verdade, não era proibido no Brasil. Dessa situação ao desarmamento da população, até a regularização do porte de arma no Brasil, eu, em particular, acho que a Polícia teve uma grande contribuição.

Mas relativo ao governo, seja qual for o viés ou o interesse econômico que cada venha a defender, acho que se em um país onde ao longo desses 5 anos entre 28 a 32% da população morreu em situação de rua, sem incluir, claro, mortes por alguma causa violenta, ou, se em seu país as pessoas morrem de fome, a bem da verdade, acho que o Brasil não seria considerado um país independente.

No entanto, relativo aos direitos das mulheres, em saber como qualquer cidadão, que o índice de estupro em Goiânia é em média de 10 pessoas por dia, ou que grande parte das mulheres sofre em fazer parte de um racismo estrutural, em sofrer todo tipo de ofensa a sua dignidade, acompanhava o movimento feminista com grande expectativa. Mas acho, em particular, que ao abrir a pauta e proferir o voto, a ministra Rosa Weber não só assumiu a responsabilidade de incriminar um inocente, mas obrigou todo o colégio da *Supremo* a proferir um voto, pelo qual, a bem da verdade, caso vença, acredito que não teriam mais a intenção em optar em sua vida particular.

REFERÊNCIAS

- 1: ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Edipro, 2007.
- 2: ALVES, José Carlos Moreira. **Direito Romano**. Editora Forense, 2016.
- 3: JESUS, Damásio de. **Direito Penal, v.1 a 4**. Saraiva, 2015.
- 4: LISZT, Franz von. **Tratado de Direito Penal Alemão**.
- 5: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras**. Editora Rosa dos Tempos, 2015.
- 6: KANT, Immanuel. **A Metafísica dos Costumes**. Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.
- 7: MIRABETE, Julio Fabbrini. **Manual de Direito Penal, v.1 a 3**. Atlas, 2015.
- 8: TOURINHO FILHO, Fernando da Costa. **Processo Penal, v. 1 a 4**. Saraiva, 2018.